**Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista – Aula 08 de junho**

**Isabella França Ferreira**

**Questões e reflexões sobre o texto de Sarah Blaffer Hrdy “Meet de Alloparents”**

Gosto muito do jeito mais “romanceado” e não tão academicista (ao meu ver) de Sarah Hrdy escrever. É sempre muito prazeroso ler seus textos e conhecer suas teses. O tema deste artigo em específico é de bastante interesse particular, devido a minha tese que é sobre cuidado parental, então esta leitura foi bem importante para organizar um pouco as ideias sobre aloparentalidade.

Além disso, achei ótima a conexão entre esse texto e o artigo de Moll e Tomasello. A impressão que ficou pra mim é que a aloparentalidade complementa a Hipótese Vygotskyana de Inteligência explicando que o compartilhamento de cuidado não só é um importante exemplo de cooperação na espécie humana, como é essencial para que nossas habilidades cognitivas possam se desenvolver ao longo da vida (devido ao grande tempo que permanecemos dependentes de nossos cuidadores). Aproveitando o gancho anterior de se comparar chimpanzés com a espécie humana, achei interessante o fato das mães chimpanzés serem bem mais possessivas com seus filhotes do que as mães humanas e que raramente as mães chimpanzés permitem que seus filhotes sejam carregados ou cuidados por outros membros de seu grupo. Mais uma vez, esses dados ressaltam a característica mais “competitiva” dessa espécie de primata.

A seguir, apresentarei algumas reflexões/dúvidas específicas sobre o texto lido:

1. Em relação a espécie humana, o maior contato da criança com outros indivíduos além da mãe (alocuidadores), parece ser fundamental para a ampliação da habilidade cognitiva de “tomada de perspectiva”. Uma vez que as interações de intencionalidade compartilhada (e seus quadros atencionais compartilhados) mudarão a depender das características da pessoa com quem a criança está interagindo. Desta forma, penso que crianças com menos alocuidadores terão mais dificuldade em interpretar as perspectivas alheias do que crianças com mais alocuidadores. Esse raciocínio faz sentido?
2. Gostaria de ressaltar uma diferença específica em relação aos textos de Moll e Tomasello e de Sarah Hrdy. O texto de Moll e Tomasello, apesar de muito interessante, me incomodou porque a maioria dos exemplos citados eram experimentos complexos realizados com chimpanzés em cativeiro, sendo que alguns deles nem mesmo pareciam fazer sentido quando pensamos no ambiente natural em que chimpanzés evoluíram e que vivem. Achei que a falta de estudos naturalísticos prejudicou um pouco a defesa da Hipótese de Inteligência de Vygotsky. Por outro lado, o texto de Sarah Hrdy traz diversos estudos naturalísticos e antropológicos (o que é uma característica da autora em diversas outras obras dela que já li), que ao meu ver corroboram de forma muito eficaz seu ponto de vista.
3. Fiquei refletindo que a própria aloparentalidade se encaixa como uma atividade cooperativa compartilhada, já que possui as três características principais. Tanto a mãe da criança, quanto os alocuidadores entendem e são comprometidos a alcançar seu objetivo em comum – criar a criança. O compartilhamento de papéis recíprocos e complementares também está presente, sendo que a todo o momento a mãe e os alocuidadores estão trocando de papéis (por exemplo, um carrega, enquanto o outro alimenta, enquanto o outro busca o alimento). Por fim, os alocuidadores estão dispostos e motivados a ajudar a mãe, enquanto a mãe é tolerante e permissiva com eles.

.

**Resumo-Cooperation and human cognition: the Vygotskian intelligence Hypothesis**

Qual seria a principal pressão seletiva para a evolução cognitiva dos primatas? A partir de estudos com primatas não humanos, alguns autores (e.g. Nicholas Humphrey) argumentavam que a competição social seria responsável por esta evolução. Por outro lado, Vygotsky argumentava que as habilidades cognitivas das crianças humanas são geradas por suas interações com outros na cultura, por meio da cooperação social. A partir dessas hipóteses, aparentemente conflitantes, os autores deste artigo propõem que a cognição dos primatas foi originada pela competição social, enquanto os aspectos únicos da cognição humana foram frutos da cooperação. O objetivo do artigo é apresentar evidências para a Hipótese Vygotskyana de Inteligência através da comparação de habilidades sociocognitivas entre chimpanzés e crianças humanas em diversas atividades cooperativas. Para que sejam considerados em atividades cooperativas, é necessário que os participantes: a) tenham um objetivo em comum para qual ambos estão comprometidos; b) tenham papéis complementares e recíprocos a fim de alcançar o objetivo em comum; e c) estejam motivados e dispostos a ajudar um ao outro, se necessário. Pesquisas mostraram que, aparentemente, chimpanzés não compartilhavam objetivos com seus parceiros, tinham dificuldade em desempenhar outros papéis que não fossem o seu e não costumavam oferecer ajuda. Enquanto crianças humanas, desde muito novas, apresentavam esses três elementos. Além disso, outros estudos mostraram que chimpanzés falharam em entender intenções comunicativas de cooperação (e.g. gesto de apontar), provavelmente porque não possuem o chamado “quadro atencional conjunto” com outros indivíduos. Portanto, de fato, chimpanzés parecem não possuir *we-intentionality* e se comunicam de forma individualista. Por outro lado, além de possuir *we-intentionallity*, as crianças humanas comunicam-se cooperativamente, constroem e participam de quadros de atenção conjunta que dão significado aos gestos cooperativos. Em conclusão, a Hipótese Vygotskyana propõe que a participação dos humanos em interações envolvendo intenção compartilhada desenvolveu a habilidade cognitiva da tomada de perspectiva, ou seja, permitiu que os humanos entendessem os diferentes pontos de vista um dos outros e desenvolvessem um olhar mais coletivo das situações, o que propiciou o surgimento da cultura. A constante participação das crianças na cultura e em atividades cooperativas leva, ao longo de sua ontogenia, a formas únicas de representações cognitivas, que apenas a espécie humana parece apresentar.